O PALACIO BURNAY

OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS

CHRONICA

Acabou a festa, desarmou-se a egreja.

E foi pena, porque n'este caso a egreja, propriamente dita, estava tão bonitinha que valia a pena conserval-a, para as gerações vindouras fazerem uma ideia do nosso gosto artistico em fins do seculo XIX.

S. Domingos com aquella farpella domingueira é que estava um santo á altura do seu nome.

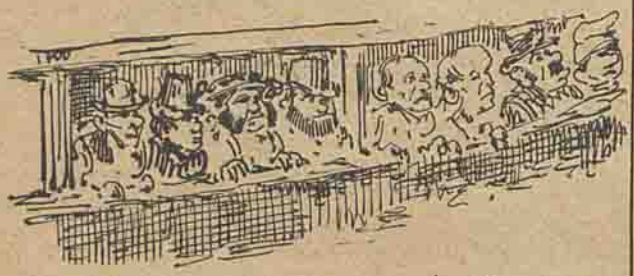
Agora não passa d'um S. Dias de Semana.

As ruas da cidade perdem o aspecto galhardo que lhes haviam emprestado os mastros de pinho encamisados de vermelho—reclamo á loja do Grandella—com os seus escudos de leões doirados—reclamo á cervejaria *Leão d'Oiro*—e os seus festões de luminarias de cebo—referencia ás golas dos *paletots* nacionaes.

Volve tudo á vida sem sabor de cada dia.

Os forasteiros regressam aos seus ninhos provincianos, commodamente acondicionados nas carroagens do caminho de ferro, que a companhia, por uma attenção muito delicada, mandou gentilmente substituir pelas canastras em que se transportam as galinhas para a Praça da Figueira.

D'esta forma os provincianos viajam muito á larga, com as cabecinhas de fora para refrescar as ideias, e



convenientemente captivos para que não falte algum quando se proceda á contagem nas suas respectivas terras.

Do que se passou, continuamos a transcrever aqui os nossos rapidos apontamentos.

* * *

AS ILLUMINAÇÕES

O temporal dos ultimos dias reduziu a menos d'um terço o brilhantismo de todas ellas.

Nos lagos do Terreiro do Paço andava constantemente um homem, de calça arregaçada até acima, acendendo os bicos que o vento se encarregava de apagar. Pena foi que não distribuissem aquelle serviço á estatua da Independencia, a qual d'uma cajadada matava os dois coelhos de acender os bicos e de lavar as pernas...

Muitas pessoas extranharam que os chapeus de sol não tivessem panno, o que sempre defenderia a illuminação do **furor da ventania.**

Sobre esse ponto cumpre-nos dar uma explicação.

Os chapeus, primitivamente, tinham o respectivo panno de alpaca côr de castanha, mas a commissão mandou tirar-lh'o, receiosa de que os burocratas do Terreiro do Paço o subtrahissem para o reduzir a mangas do officio...

O Tejo e o Douro da Avenida jorravam durante as illuminações uma generosidade de agua que parecia filha da mais terrivel diabetes.

Soube-se depois que a commissão se não poupára a trabalhos nem a cerveja para conseguir aquelle resultado.

Em quanto duraram os festejos, tanto ao Tejo como ao Douro foi abonada quotidianamente ração dobrada de bok.

O indigena, larapio de nascença, apossou-se d'um sem numero de lamparinas de vidro, que pendurava no cós das calças, percorrendo enthusiasticamente as ruas da cidade.

Os estrangeiros ou suppozeram que aquillo fazia parte do programma das illuminações ou então,

Vendo tudo de luzes no umbigo,
Percorrendo essas ruas em turnos,
Matutando ficaram comsigo
Que era terra de guardas nocturnos.

* * *

O FOGO

O fogo do Tejo esteve muito superior ao do seu collega da Avenida.

D'este ultimo apenas os espectadores poderam dizer que era fogo por lhes assegurar o proloquio «não ha fumo sem fogo.»

Muitas pessoas sensuraram asperamente aquellas peças de fogo no Tejo allusivas ás pessoas dos principes.

—Isto é uma patifaria! exclamava junto a nós um cavalheiro ainda mais monarchico de que o sr. D. Luiz I; o que estes biltres estão fazendo aos principes fazia-se antigamente aos grandes criminosos que logravam passar ás palhetes ao laçarote do carrasco; queimavam-os em estatua.

E, sabidas os contas, era absolutamente injustificada a indignação do nosso visinho.

Aquelles retratos em fogo pareciam-se tanto com suas altezas como com a nossa humilde pessoa!

Aquillo é uma especie de môlho de pastelleiro pyrotechnico que James Pain tem no estabelecimento, applicando-o indistinctamente a todos os personagens.

O que d'esta vez, por exemplo, representou de principe D. Carlos, já aqui ha tempos representára de rainha Victoria; o que serviu de princeza Amelia, servira anteriormente de Cetwayo; e, se fosse preciso, os do conde e da condessa de Paris podiam muito bem impingir-se como um grupo de João Brandão e da Carolina Augusta...

O governo — que é o mesmo que presidia aos destinos da nação por occasião do centenario de Camões, e que não permittiu então que a tropa tomasse parte no cortejo, de espingardas enfeitadas com ramos de oliveira, por lhe cheirar a pepineira — o governo humanisou-se d'esta vez com a commissão dos festejos, consentindo que os soldados fossem para o caes do Aterro formados em linha a deitarem fogo de bengala!

A ideia do governo foi, segundo parece, arranjar pretexto para distribuir mais alguns milhares de condecorações que ainda lhe ficaram do ultimo diluvio d'ellas.

Uma vez que os soldados já entraram em fogo — embora de artificio — o governo poderá sem escandalo condecorar a todos, creando para esse fim uma nova ordem, que se denominará «da bicha de rabiar».

A insignia d'esta ordem não terá, coherentemente, collocação determinada, podendo trazer-se ao pescoço, sobre as nadegas, em cima do umbigo, rabiando, emfim, ao gosto de cada um, por todo o corpo do agraciado, na sua qualidade de bicha de fazer isso.

O sr. Bailio de Malta já hontem foi á inspecção, afim de sentar praça e ter depois direito a uma bicha d'aquella especie.

* * *

O BAILE

O baile do paço esteve, segundo a opinião d'alguns comilões encartados, uma patuscada de alto lá com ella!

Bom vinho, por conta do dono da casa, muito melhor e muito mais barato do que por ahi se vende por conta do lavrador; bons croquetes, picados dos sobejos da real mesa e fornecidos de graça, com palitos e tudo, em vez de serem amassados das sobras da taberna e vendidos a trinta réis cada um; uma petisqueira, emfim, de se lhe tirar o chapeu, — visto não haver á mão punhaes de Benevenuto a que se podesse fazer o mesmo que ao chapeu...

Muitos convidados lastimavam profundamente que o sr. D. Carlos em vez de ser um principe europeu não fosse antes um sultão oriental, disposto a tomar estado ahi umas 150 vezes por anno, o que lhes garantiria a elles convidados uma pandegasinha d'aquellas ao menos tres vezes por semana.

Alguns já metteram requerimento á empreza do theatro da Trindade para que faça *reprise* do *Barba Azul*, a ver se o principe se resolve, instigado pelo exemplo, a pintar a barba d'aquella côr, deixando *pintada* no resto a actual mãe dos seus futuros filhos — como diria Mendonça e Costa.

Para evitar estas scenas dos convidados lambareiros, nós aconselhamos sua magestade el-rei a que, no caso d'algum novo baile, não dê aos seus convidados senão abobora — muito embora coberta, como os mastareos do Topa-a-Tudo — porque a abobora, além de os enjoar com facilidade, tem ainda a virtude—segundo afirmam— de descer ás barrigas das pernas, o que offerece a vantagem de tornar menos repugnante a toilette de canelim á mostra.

Faça o que lhe aconselhamos e verá como se dá bem...

— Abobora, real senhor!

* * *

A TOIRADA

A toirada dos fidalgos foi por todos os titulos—sem mendonça e costa—uma das festas mais brilhantes.

Até o dia d'essa festa, que hade ficar eternamente gravada a lettras d'oiro nos annaes da tauromachia e a chavelhadas de boi nas costellas de muitos espectadores; até esse dia ninguem conseguiu saber onde paravam os bilhetes para a toirada.

A propria imprensa, que é sempre a primeira a metter o bedelho em todas as festanças, d'esta feita fez cruzes na bocca a respeito de convite!

Na tarde ardentemente almejada Lisboa em peso accudiu á praça do Campo de Sant'Anna, curiosa de ver quem eram os felizes que tinham obtido convite para a toirada.

Esperava a todos os concorrentes uma surpresa extraordinaria!

Tudo imaginava que a entrada na praça era *de borla*, e, afinal, era *de borla... e franjas!*

Cá fóra, á porta do circo, diversos cavalheiros, cuidadosamente disfarçados em contratadores de bilhetes, acercavam-se de quem passava e mettiam-lhe surrateiramente nas unhas um embrulhinho de papel de seda.

A gente desembrulhava, encontrando dentro um bilhe para a corrida e seis mil réis para um café!

Foi o triple-extracto da amabilidade gentil!

Além d'isto, a commissão promotora da toirada distribuiu apenas metade dos bilhetes correspondentes á lotação da praça, de fórma a ficar cada espectador com dois logares afim de se espanejar á sua vontade.

Mas, logo pelo diabo, os primeiros espectadores que entraram tinham todas as dimensões do Rosa Araujo, de maneira que a praça, em menos de cinco minutos já estava a deitar por fóra.

Não houve outro remedio senão fechar a porta aos restantes espectadores, o que produziu bastante charivari, por quererem todos restituir os bilhetes e os seis mil réis recebidos — ao que os cavalheiros disfarçados de contratadores se recusaram graciosamente...

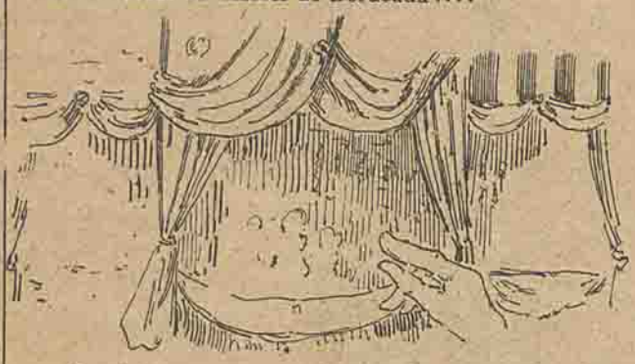
ATÉ HOJE DUROU A FESTA

A PARTIR D'HOJE COMEÇA A ESPIGA

A decoração da praça estava um encanto!

Em vez de a adornarem de cobrejões, que era nacional e adequado — uma chochice! — tiveram o bom senso de a enfeitar de trapinhos de diversas cores, todos cosidos uns aos outros — uma belleza!

A tribuna real parecia uma caixinha de amendoas francezas. Dava vontade de metter lá dois dedos, tirar cá para fóra um principe de sangue, ferrar-lhe o dente e sentir escorrer pelos beiços, em vez do sangue azul, licor de rosas ou anicete de Bordeaux!...



Os dois camarotes lateraes pareciam tambem duas caixinhas d'amendoas—para preços mais convidativos.

Foi pena que se limitassem á decoração interior de espelhos, não completando o desenho com a ornamentação exterior de busios e conchinhas...

Ainda assim, a coisa n'aquelle genero ainda podia ficar mais perfeita se em vez de chamarem o sr. Pexe —primeiro ornamentista—teem chamado o seu visinho de baixo, o sr. Batalha da loja de contas e vidrilhos.

Uma vez que n'essa tarde a concorrencia á praça era *dobrada*, os *vidrilhos* não podiam assentar melhor...

E quem sabe até, no fim de contas, se a *conta* da ornamentação de contas não saira muito mais em conta...

* * *

Uma das pessoas que ficou á porta da praça, quando esta se encheu de Rosas Araujos, foi a princeza Ratazzi.

Sua alteza ainda se lembrou de vêr a toirada como viu Portugal da outra vez em que cá esteve — *á vol d'oiseau* — mas parece não lhe ter sido possivel n'essa occasião, por estar como o *passarinho trigueiro*: com as asas queimadas...

Alguns jornalistas estrangeiros que estiveram na trincheira falsa, por não terem outro logar, ficaram encantados pela amabilidade com que foram tratados.

— Que gentileza a dos fidalgos portuguezes! diziamos um d'elles; convidam a gente para uma simples corrida de toiros e além de nos darem a corrida dão-nos uma torreirinha de sol de frigir ovos, um boi pela cara, um forcado por um olho, um capinha em cima

do chapeu, um pontapé na barriga e um par de bandarilhas no cachaço!

— Entra a gente mal vestido, com a sua farpella novinha em folha, e sae d'aqui como um principe n'este bello estado que se vê!...

Causou uma viva impressão o caso de saltar um boi á trincheira, mesmo ao pé do velho tabellião Scolta, a quem não fez mal absolutamente nenhum.

Sobre o caso divertido
Diz-se que aquelle animal,
Antes de boi, tinha sido
Professor municipal.

Soffreu mil fomes; depois,
Cansado a viver de esmolas,
Entrou p'ra o gremio dos bois...
— Medroso foge de *escolas*...

Pan-Tarantula.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

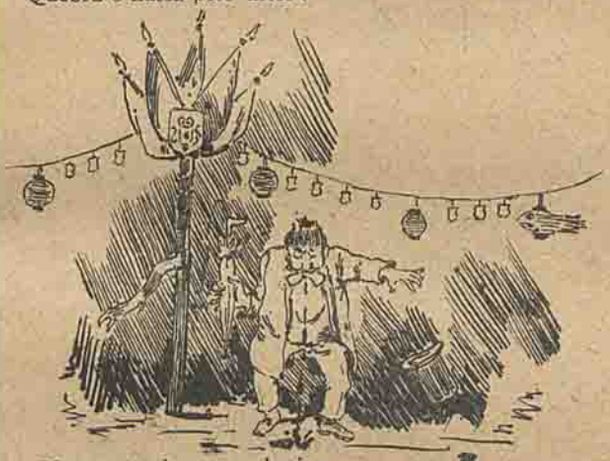
UM PASSEIO Á CAPITAL

(Continuado do numero antecedente)

Ao despertar tem a cara
Mais triste que um necrologio
A dormir se constipara
E um gatuno que passara
Fez-lhe mão baixa ao relogio!

Depois de immenso trabalho,
Um dono d'hotel lá quiz
Dar-lhe de noite agasalho,
—Por trez mil réis, no soalho,
Um logar marcado a giz.

Tendo á pansa feito lastro,
Sae a dar o seu passeio;
N'isto tropeça n'um mastro,
Prega no chão co'o canastro,
Quebra o nariz pelo meio!

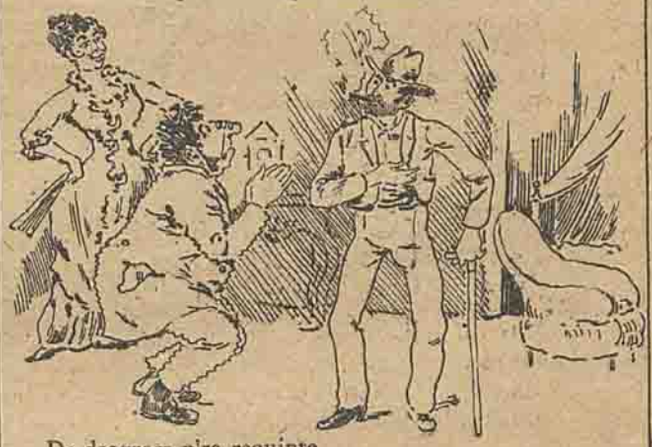


Vae correndo a uma botica
Ligar a quebrada fibra;
De nariz inteiro fica,
Mas, só de pontos e arnica,
Tem de pagar meia libra!

Depois, a fazer-se pratico,
Entra em casa d'uma dama
Que tem, n'um luxo asiatico,
De mogno, tuia e vinhatico,
A sala e o quarto da cama.

(Dos avisos da consorte
Esquecido o grande alarve,
—Vejam que falta de sorte!
Arranja um bom passaporte
P'ra jardinar pelo Algarve...)

Quando ia, em summa, a deixal-a,
Entra *él quérido* damninho
E prega-lhe ali na sala
Uma surra de bengala
De pôr em lençoes de vinho!



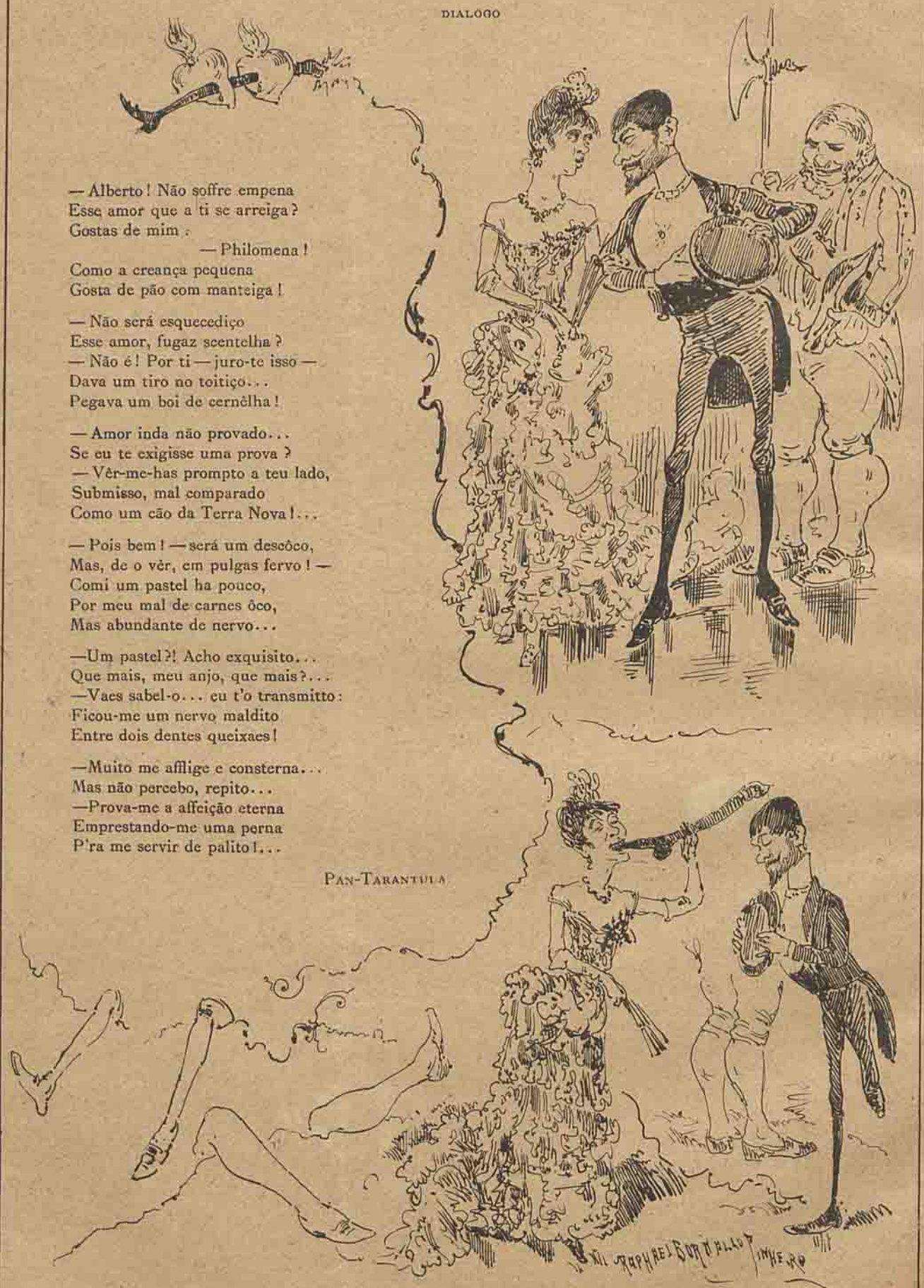
De desgraça p'ra requinte
Apitam na visinhança;
Vem policias mais de vinte
—E o Braz no dia seguinte
Tem de pagar a fiança!...

(Conclue no proximo numero)

PAN-TARANTULA

NO BAILE DO PAÇO

DIALOGO



— Alberto! Não soffre empena
Esse amor que a ti se arreiga?
Gostas de mim?
— Philomena!
Como a creança pequena
Gosta de pão com manteiga!

— Não será esquecediço
Esse amor, fugaz scentelha?
— Não é! Por ti — juro-te isso —
Dava um tiro no toitiço...
Pegava um boi de cernêlha!

— Amor inda não provado...
Se eu te exigisse uma prova?
— Vêr-me-has prompto a teu lado,
Submisso, mal comparado
Como um cão da Terra Nova!...

— Pois bem! — será um descôco,
Mas, de o vêr, em pulgas fervo! —
Comi um pastel ha pouco,
Por meu mal de carnes ôco,
Mas abundante de nervo...

—Um pastel?! Acho exquisito...
Que mais, meu anjo, que mais?...
—Vaes sabel-o... eu t'o transmitto:
Ficou-me um nervo maldito
Entre dois dentes queixaes!

—Muito me afflige e consterna...
Mas não percebo, repito...
—Prova-me a affeição eterna
Emprestando-me uma perna
P'ra me servir de palito!...

PAN-TARANTULA